



51.2.124

# O MEIRINHO.

JORNAL CRITICO E LITTERARIO.

ANNO XI

NUMERO 293

Quinta-feira (Publica-se uma vez por semana e subscreve-se nesta) SERIE  
19 { Typ. a 1\$000 réis por uma serie de 4 numeros } 64.

## O MEIRINHO.

Fortaleza, 19 de Julho de 1883.

### IMMOLAÇÃO.

Em quanto o desenvolvimento d'esta provincia vae se mostrando as vistas de todos os povos civilizados d'este e d'aquelle paiz, uma siml-raça de nossa parte se envolve capsiozamente, aos predicados mais tristes e horripilantes que immaginar pó le o cerebro humano.

Não dezejamos, nem queremos ser, por meios de taes commentarios, as ferulas para aquelles que, extranaturalmente, erram; porém não deixar podemos de deltar as vistas, acompanhadas as ceveras sençuras, sobre aquelles que não, verdadeiramente se abraçam ao direito; fugindo a razão; representando assim, perante seos semelhantes o triste e horrozo papel de maldados instrumentos, para aquelles que, arre-negam o bem, buscando, tão sómente, a vergonha e a immoralidade.

E assim que, domingo 8 do corrente mez procedeo-se em a reziliencia do bestunto e pestilento *Lucy*, a ardilhoza cerimonia baptisimal sob os Christãos seguintes:

Albino José de Farias, sua mulher e dois cunhados, Flavio Magno, Manoel Francisco Braga, Francisco Alves Ferreira, Souza Meilo e um filho, Joaquim de tal

E dirão estes que o direito têm, livremente, de pensar.

O jornal, porém, verdadeira policia, a relativa e legitima LFI holterna, potente sentineilla da luz Litteraria, tem em si os meios sanctos: — combater falsos ab-zos e rezicar o ca eliro libidinuo-zo atirado pela mão maligna n'alma limpa e benditoza do innocente

Quando por meio d'esta immensa es-pada — a penna, não si alcançar puder o fim dezejado que eucetamos, corra-

mos, ainda á outro principio — o silencio, este mais salutar para os caracteres apurados, que não se entregam ao abuzo, nem por phthizicas sympathias vendem o pudor, a dignidade.

Lançar ao profundo de nosso coração aquillo que não volven as raizes de nossos primévos!? É horripilantemente irriz-rio!

Tenhamos sempre aquellas mesmas creng-s que hontimos ao sent'r uma razão e comprehender o mundo, dos labios sacrosanctos d'uma mãe.

Busquemos as modas, mas não, materiar a nossa consciencia, negando o natural poder — a Religião Christã, que antihada foi ao coração de nossos primeiros paes.

## LITTERATURA.

### Teos encantos.

Luizinha, meo anginho,  
São muito doces teos rizos;  
São notas... são alvoradas!...  
São mundos... são paraizos,  
Os teos rizos,  
Luizinha!...

Luizinha, mimozinho,  
São tão suaves teos beljos,  
Que me matão de amores,  
Que me matão de dezejos,  
Os teos beljos,  
Luizinha!

Luizinha, meo a ginho,  
São muito b llos teos olhos!...  
São estrellas, são senelhas,  
São dois astros, dois abrothos,  
Os teos olhos  
Luizinha!

Luizinha, pura iragem,  
São muito puros teos seios!...  
Oudead-s! voluptuosos,  
São clara as de aneios!  
Os teos olhos,  
Luizinha!

Virgilio.

## ALBUM DA CRITICA.

Dá licença, *seo* Ma'n'a?

Por um d'estes enganos d'um Antonio Mathia, você fez como o vae não torna de Pedro Malzart com a dus a de chapéus do L. ue!..

Isso é lá casuada, *seo* pintado!

Porque você não deixou *seo* mau costume no Batorité?

Vá elle!

§

A cynica, descarada da cara de couro de pizar tabaco — *ex-barata* de Jan-jão Parrieguas, depois de, n'esta capital, ter largado seus sortimentos na mocidade, foi ao Para, d'alli voltou trazendo em sua companhia um segundo João e com este tem, nos lugares mais publicos d'esta terra, enterrado a cara de tal sorte, a fazer vergonha as bellezas da rua do Rozario.

Deixe-se de porqueira, *seo* troso!

§

*Mané Coco*, é o ente mais bem acabado que ha n'esta terra!

Depois de ter feito mão baixa nos cobres dos calceiros, estes confiados a sua espcada figura, passou a ser creado do Club e de todos os hotéis, onde vae fazendo seus arranjos, menos no do bruto Hypolito, porque .. é como diz o adagio:

« Duro com duro, não faz bom mu-ro. »

Duro, *Mané Coco*, com os teos eguaes.

§

Bravos das botas.

Temos gostado, capitão, de vel-o com botas a tudo repotreado n'um cavallo do Liberalipo, caceando a humanidade, e.. de quando em vez, soltando os versinhos seguintes:

Oh! *Marília* não sou algum vaqueiro,  
Que viva de guardar alheio o gado.

Tudo isso é muito bom, meu capitão: mas esse negocio de botas .. não é com nós, e sim com o Queiroz.

Arruma-te, cabra velho.

§

Totonio da botica, aquelle mesmo que mandou, dos ossos do velho, fazer bolão, preparou uma botoadura tão

forte para os bolsos do pobre Arcadio, (Já vou *seo* Rodrigues) a ponto do freguez ter-se apertado pelas campinas d'esta provincia, e arranjando nada, o que o velho do Totonio deixou.

Bonita caballa, *seo* commenda — dôr!  
De pé espalhado!!!

§

São couzas d'este mundo:

Noite de S. João, em uma reunião de familia, achando-se certo *typo* já bastante encapotado no Perú, dirigiu-se a uma senhora, d'esta fórma:

Minha senhora, V. Exc.<sup>a</sup> está esplendida de belleza e tão florida, que, mesmo de perto, parece um canteiro.

— Oh! V. S.<sup>a</sup> tem comparações bem espirituozas, e creia que quando o vi tão cheio de espirito, disse, com meos botões, lá vem uma adega.

Eis que massou se o gaiato fugindo d'alli guiado apenas, por sua estrella!!!

§

Pela imprensa.

*Libertador* sahindo a meia noite, em lugar de sair a tarde, como diz em seu programma, apparece cheio de chapas e mais se destacando um annuncio sob a epigraphe: um cavallo tendo a seus quartos um Dr. semana, convidando mentirosos para venderem o nocturno jornal!

*Cearense*, *Gazeta do Norte*, *Pedro II* e *Constituição*, estão frios como a lagrima do arrependimento.

O *Sol*, coitado! permanece entre nuvens tão densas como o ser alcoolizado de mestre Collabas!

§

Existe, no 11 Batalhão de Infantaria, certas couzas pela 5.<sup>a</sup> companhia, que cauza vojo, vomitos e até arriplos entre os coiros. Estamos aguardados para, na primeira occasião, mostrar ao tal prototypo da falcidade que o seu procedimento é similittinario ao das cazeiras dos seus camaradas.

Até mais.

§

Sr. Thomaz da Praia, porque você tem sua bodega de boccas escancaradas até as horas mortas da noite, conservando nos beiços d'esta uma caiu-salta de debochada, que perturbão o socco.

publico com cantigas obscenas?

Será porque você seja privilegiado?

Enfim a culpa não é sua, é da tal policia.

§

Senhora Camara, é preciso que Vm.<sup>a</sup> disperse os seus fiscos, que dormem o somno do indifferentismo, enquanto que as ruas d'esta capital se achão tão immundas como a bocca de qualquer covil.

Oího vivo com o espertalhão do contratante.

Luchando! ?.

§

*Gostos ignigmaticos.*

Brevemente o seo — T

Se was-ará com — o A,

E depois, o verbo V

Com força applicará !

E bem forte ha-íe — o G

Com fogo pegar-se — ao Q,

Que desmantello — no S!

Ninguém se metta com — o P;

Do contrario, ha-de ver

Como a scena lh'o apparece!

*Significado.*

T: o Theotonio, se massará com o — A, assignante sacodindo lh'o, V, o verbo, G, grande de tal forma, Q, que, desmantellando um, S, suspiro do esquecimento, espera que, P, pague a serie; do contrario hão de ver como a scena lh'o apparece.

§

A metade do cavallazo e cebozo Lacy, comeo uma tão grande feijoada, que está gorducha pelos peitos d'um capitão de porto! Diabos a leve, lá para onde foi o Pedro Botelho.

Poeta Mello, o que faz você agora?

Serve ou não, de parteiro, meo loirol?

Lave os pés, galego podre.

§

Baptizou se o Albino Secó bai! Grande malzeria, minha gente! Depois que o seo cuhado Flavio — bocca de áz de copas deo uma pistolecada, na pimenta, (canna) o cavallo do capão dentista derramou o verbo bruto, e, immediatamente, pediu ao seneiro Lacy, que pela chaga da velha o baptizasse.

Te desconjuramos, capad!

§

Na rua do Conde de Fu em casa da baroneza, dança-se, esfrega-se, pratica-se toda sorte de immoralidades, sem se temer que venha por ahí o estafulário capitão de barca?

A Senhá, bocca de chupar canção, anda melancolica porque o capitão não vae mais orinar no pé do alho para não seccar.

As megeras são safadas!

§

O Albino Secó-bai, teve um movito de tal sorte que e terrou fih's e mulher no buxo de seo amo Lacy! Que typo descarado e sem cerimonia, além de ser guetudo, com licença de S. Pedro!

Dá-lh'o, safadeza.

§

Ainda proezas de Lacy.

No 3.<sup>o</sup> plano do Passeio Publico d'esta capital, prezenciamos um facto bastante gaio de dous estudantes, que dizão ao extromundado Lacy, si elle achava-se em estado de baptizar um cachorro que n'quelle occasião se tinha n'aquelle lugar: o bruto galego vio-se tão atrapalhado com o dilerio dos estudantes, aponto de errar o caminho, e interrar-se pelas sujas aguas do Maceió, molhando, até, as abas da cazaca!

Arre, jndas!

## GALERIA DO POYO.

*Modo de pedir moça em casamento.*

*(Do original.)*

Mia cuada Luzia

Mulungu

Mando pergunta coma voce pasó a noite donte pra cá.

Mande dizê coma voce se foi da viagem do garrote pra Mulungu, voce so foi a pé porque aqui não é Pernambuco, sinão ia a bonda, agora mando pergunta se esta fô errada voce enmende lá que é muie pra sabê le

Mando prgunta se voce cé casá com o seu cabra Manoel Vicute Leça nano dó esfalecido defunto e charado seu marido

Carta escrivida tem resposta

Seo amo

Manoel Vicente Leca.

†  
NÃO GOSTO...

— de certo *typo*  
Da rua do Senador,  
Que *amolla* a uma menina,  
A quem tinge ter amor.

E o *typo* já deu na *typa*  
Tão lamoço e fresco unto,  
Qu'ella está bem se fiando  
Em sapatos de defunto.

— de um caixeirinho  
Meio rico e meio pobre,  
Que a todo e qualquer diabo  
O seo namoro descobre...

Um ente tão linguarudo,  
Mais ardente do que alho,  
Devia ser baptizado  
Por — Sr. Dr. Chocalho.

— de um caladinho,  
Moço sonso, mas manhozo,  
Que tem com certa menina  
Um namoro bem fogaço,

O que dá-lhe prejuizo (11),  
Porque o pai da menina  
Entendeo que a sua bolça  
Devia ser uma — mina!

— de um empregado,  
Empregado e estudante,  
Cujó dito — em certa rua  
Tambem tem a sua amante.

Ha quem diga qu'este meco  
Deu os livros p'ro esquite,  
E que deu!?, está provado,  
Pois tem asco do recife.

— de uma moça *titia*,  
Que namora á — pé de gallo —  
Porque é capaz de um dia  
Enganar-se com o Gonçallo.

Quer o leitor conhecel a?  
Lá vae o retracto seo:  
É alta!.. (*Chiton!*) Tem coza  
Na rua de seo Pompeio!

— de velha ou moça,  
Moça-velha, ou couza assim,  
Que diz: *Eu só vou á bailes* ...  
Mas é secca por chinfrin.

Destas eu conheço muitas,  
Unas'té bem *dançaadeiras*,  
Que — quando não *fazem renda*  
Servem de ... *alcoviteiras*!

— de homem cazado,  
Barbado!.. Bocca de ninho ...  
Que quando vê uma moça  
Fica todo dengozinho...

Um sujeito d'esta ordem  
Merece ser *flauteiado*.  
Porque só pôde — *por mitra*,  
Fazer namoro — *furtado*!

— de menino de quilate  
Do Zé Padi'ha — *seo juda*,  
Porque o povo lhe chama  
O... seo... canario — sem muda.

E tem o povo razão!  
Tem razão e muito fina!  
Pois o Zé só tem um *frack*  
Pra vizitar a menina.

— de seo Carneiro  
D. preta — *Chica Charuto*,  
Pois pretende vel-o em breve  
Feito praça do Canuto.

Quer ser gente boa e nobre!..  
Quer até ter hierarchia!..  
Meo Carneiro, cria lá,  
Pois foste forro na pia.

†  
O CAVALLO CANTE.

Vamos fazer ao publico a apresentação  
do profano soldado do Batalhão comman-  
dado pelo Coronel J. C., para que seja  
expulso de certas cozas de familias, em  
cujo contacto não poderá estar um veste-  
seroulo.

O Sr. Cadete Cavallo Cante é um mo-  
ço cujos signaes caracteristicos são os se-  
guintes: baixa estatura, magro, (agora  
porque está phibizico) olhos pretos, testa  
espaçosa, cabellos pretos, corridos, rosto  
de mulher faceira, seus gestos são afimi-  
nados, traja calça, collete e pellito azul,  
passeia todos os dias no bond, a custa de  
um conductor de quem é paciente.

Eis ahi o retrato do moço mais celebre  
que tem pizado o solo Cearense, pela sua  
inteira negação para sexo masculino.

Adeos Totonia.

O seo onça.